



RIVERÃO SUSSUARANA: CRÍTICA PELA ÓTICA DE BOURDIEU¹
RIVERÃO SUSSUARANA: CRITICISM BY THE BOURDIEU OPTICS

Denise de Paula Veras²

Recebido em: 13 mar. 2020

Aceito em: 02 set. 2020

DOI 10.26512/aguaviva.v6i1.29948

RESUMO: Considerando a polêmica que Glauber Rocha sempre provocou no meio político e cultural de sua época, este artigo analisa o único romance escrito por esse cineasta, em busca de compreender a razão pela qual *Riverão Sussuarana* não alcançou resultados positivos em relação à crítica literária que envolveu seu tempo. Para tanto, a argumentação será pautada em torno da compreensão dos Campos de Bourdieu, em seu livro *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. A metodologia de pesquisa escolhida foi a revisão teórica, e a finalização da análise proposta sinaliza que a rejeição sofrida pela obra em questão não precisa ser definitiva, é possível, ainda hoje, retomar positivamente a atenção especializada em torno dessa obra.

Palavras-chave: Campo literário. Crítica literária. *Glauber Rocha. Riverão Sussuarana.*

ABSTRACT: Considering the controversy that always has been provoked by Glauber Rocha in the political and cultural context of his time, this paper analyzes the single novel written by this filmmaker, while it seeks to understand why *Riverão Sussuarana* did not achieve positive results in its review. To do so, the discussion will be guided around the understanding of Bourdieu's Fields, in his book *The rules of art: genesis and structure of the literary field*. The research methodology chosen was the theoretical review, and the completion of the proposed analysis signals that the rejection suffered by the work in question does not need to be definitive, it is possible, even today, to positively regain specialized attention around this work.

Keywords: Literary field. Literary review. *Glauber Rocha. Riverão Sussuarana.*

“[...] os críticos da linha lukacsiana, os realistas críticos ou os realistas-socialistas tour court, que não conhecem a literatura brasileira, já começaram a dizer que o livro é escrito por um louco”.

Glauber Rocha

¹Trabalho apresentado à disciplina Arte e Mercado: Bourdieu, do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília (PósLIT/UnB). E-mail: deniseverasleytras@gmail.com



“Minha literatura é para bois. Não é para ser engolida de vez.”

Guimarães Rosa

INTRODUÇÃO

Retratado neste estudo, o baiano Glauber Rocha foi escolhido em virtude da intensidade de sua produção intelectual ao longo da vida e pelas positivas contribuições ao cenário cultural brasileiro, sobretudo com o movimento do Cinema Novo. Sendo esta pesquisa de cunho literário elegeu-se o romance de Glauber Rocha, *Riverão Sussuarana* como objeto desta análise.

Considerando a polêmica que Glauber Rocha sempre provocou no meio político e cultural de sua época intenta-se buscar compreender a razão pela qual *Riverão Sussuarana* não alcançou resultados positivos em relação à crítica, para tanto a argumentação será pautada em torno da compreensão dos Campos de Bourdieu de Bourdieu em seu livro *As regras das artes: gênese e estrutura do campo literário*. A análise do romance contempla os anos posteriores à publicação da obra em questão.

Por conta da realidade política desse período os escritores esbarraram em difíceis condições de expressão literária e, por isso mesmo, o cineasta aqui estudado foi também um dos exilados no período militar. Entretanto, assim como outros artistas de sua época, Glauber Rocha deu continuidade a sua produção, chegando a afirmar que o período em que esteve exilado foi seu período de maior produção. “Durante o tempo em que passei fora do Brasil pode-se dizer que passei escrevendo e produzi toda essa obra literária”. (ROCHA *apud* REZENDE, 1986, p. 151)

Glauber era um intelectual cuja capacidade de produção era tão ativa quanto seu próprio pensamento. Dinâmico, ele não cessava. Sua escrita não possuía limitações. “Glauber [...] foi um escritor obsessivo, que passou mais tempo sobre a máquina de escrever que atrás de uma câmera” (BENTES, 1997, p. 9). Escrever era, para ele, uma forma de desabafo, um meio encontrado para elaborar suas angústias e se debruçar sobre as urdiduras de um tempo, quase como uma catarse.

Em 1977, Glauber Rocha publicou seu único romance, *Riverão Sussuarana*³, tendo sido seus outros textos relacionados ao cinema, tais como roteiros, ensaios ou críticas. *Riverão*

³ Neste artigo o nome do romance *Riverão Sussuarana* será escrito em itálico, bem como todas as outras obras de produção intelectual, a diferenciar-se do nome do personagem “Riverão” que será grafado sem nenhum recurso tipográfico.



Sussuarana foi comparado pelo próprio Glauber ao *Finnegan's Wake* de James Joyce, e Paula Gaetan (*apud* ROCHA, 2012), sua esposa na época, afirmava que o romance do marido seria a reinvenção de uma escrita.

O título é um misto de Joyce e Rosa, sendo “Riverão” referência à “*riverun*”, palavra que inicia e encerra o romance de James Joyce. Além disso a palavra escolhida por Glauber mantém similaridade sonora com o termo original. *Sussuarana* é tanto um Lembrete das mais temidas onças do sertão quanto ao Liso do Suçuarão, mais difícil trecho de ser atravessado pelos cangaceiros em *Grande sertão: veredas*, de Rosa.

O nome nasceu de um saque poético que tive em Los Angeles lendo um livro de Joyce que começava e terminava com a palavra *riverun*, traduzida aqui como “rio corrente”. E Riverão se unia bem ao nome *Sussuarana*, jagunço do nordeste, rimando com Riobaldo Tatarana, herói de *Grande Sertão* (ROCHA *apud* REZENDE, 1986, p. 148).

O rio assume um caráter simbólico dentro do texto, posto que mimetiza as perambulações das personagens em uma narrativa cheia de movimentos de espaço e tempo. Sobre sua intenção com o livro Glauber afirmou:

Em Riverão, tentei falar literariamente sobre o sertão brasileiro que faz parte de minha vida pessoal, mas através de uma nova visão, por isso é que no livro eu parto do próprio Guimarães Rosa como escritor para proceder através dele uma re-análise, uma revisita dessa região, procurando sobretudo a integração de individualidade e sociedade (ROCHA *apud* REZENDE, 1986, p. 148).

A produção do texto vai além de registros da vida dos sertanejos, ou da realidade do sertão, ela ultrapassa o estudo e o mapeamento geográfico e cultural do país. O romance, ora analisado, apropria-se da geografia do Brasil e apresenta, alegoricamente, a evolução estética do autor.

Riverão Sussuarana: a obra

O livro se inicia com a narração dos contatos que Glauber teve com Guimarães Rosa e reproduz, logo no início, a dedicatória do escritor mineiro ao jornalista e cineasta, datada de 1962, junto com um exemplar de *Primeiras histórias*. Glauber descreve também seu encontro com Rosa, em Gênova, durante a Resenha do Cinema Latino-Americano, em 1965, durante o



Congresso do Terceiro Mundo e Comunidade Mundial, onde apresentou ao mundo seu ensaio *Estética da Fome*.

O personagem Riverão Sussuarana é também River, Rivo, Riverun, Riveran, Riverim, Adeodato, Sussu e tantos outros nomes do protagonista do romance de Glauber. É um jagunço que tem sua história contada ao Major e Mestre Rosa pelo cine-repórter *Glauber Rocha*⁴.

O jornalista do grupo tem um nome que também assume variadas formas. Atende por Grober, Globe, Grobe, Glaubiru, seu Roxo, até que ao final do romance mistura-se com "Embaixador Romancista" na personagem de Guimarães Rocha, em seguida torna-ser Jango Rosa e, por fim, desmembra-se em dois novamente.

Ambos os personagens fazem uma viagem pelo sertão acompanhados pelo Comandante e por sua filha Linda. Essa viagem faz com que enveredem na história narrada pelo jornalista Glauber até se encontrarem com Riverão. O protagonista se apaixona por Linda, filha de Diadorim e Riobaldo, fato revelado logo no início da narrativa depois que ela tem relações íntimas com Major Rosa.

O personagem *Guimarães*⁵, mesmo depois de morto, é destinado a, junto com Riverão, lutar pela destruição do empresário Karter Bracker que surge como alegoria do ocupante estrangeiro que invadiu o sertão e manteve seu povo como escravo nas minas de urânio.

O empresário controla tais minas junto com o Senador Lima Ferraz. Nesse livro de viagem retrata-se um país miserável. Com essa metalinguagem o autor concebe sua crítica velada à dificuldade em dar voz aos sertanejos, pois Glauber acreditava que a literatura brasileira não emprestava a palavra ao sertanejo.

Riverão Sussuarana, para mim, é um livro bíblico, uma espécie de terceiro testamento, plasmado no sofrimento e na vivência. É um livro com a linguagem brasileira do povo do sertão. Não é o francês de Mallarmé nem o inglês de Joyce. E o sertanês, cujo professor serve apenas a Guimarães Rosa e o resto vai por conta dos falares selvagens do povo (ROCHA *apud* REZENDE, 1986, p. 145).

Com seu romance Glauber nos mostra que a figura do cangaceiro, embora romantizada e até mitificada pelo imaginário popular, não era, na verdade, a figura ideal em padrões de moral e comportamento. O cangaceiro não é o cowboy hollywoodiano. São homens que, assolados pela miséria e a falta de perspectiva, saem em bandos matando fazendeiros, saqueando vilarejos,

⁴ Neste artigo ao nos referirmos ao personagem *Glauber Rocha* o nome virá grafado em itálico.

⁵ Ao nos referirmos ao personagem *Guimarães Rosa* faremos uso do itálico, quando nos referirmos ao autor não será feito uso de nenhum recurso tipográfico.



estuprando mulheres e, num momento posterior, trabalhando como mercenários para políticos e poderosos (ARAÚJO, FERREIRA, 2009)

Para o autor baiano não havia separação entre a vida pessoal e a profissional, entre a parte e o todo. Glauber se constituía ele mesmo autor e personagem de suas próprias histórias. Seus enredos eram como uma extensão de sua própria vida:

Riverão Sussuarana está na dimensão de meu itinerário sertanejo, que não é o meu itinerário total, pois o livro é apenas uma manifestação estética de um rio que corre dentro de mim. [...] Em *Riverão*, tentei falar literariamente sobre o sertão brasileiro que faz parte de minha vida pessoal [...] (ROCHA *apud* REZENDE, 1986, p. 144 e 148).

A literatura sempre esteve presente na vida de Glauber. Ao final da década de 50 ele já escrevia para colunas de cinema e literatura, bem como em alguns jornais do estado da Bahia. Já como cineasta ele continuava escrevendo, chegando mesmo a acreditar que seus filmes possuíam caráter de literatura, ao qual ele chamou de “base literária”.

Na realidade, sempre escrevi. Todos os roteiros de meus filmes foram escritos por mim. Mas o artista é assim. Quando explode a febre da criação, ele sente a necessidade de expressá-la da forma que lhe parece mais adequada. O artista incorpora símbolos, elementos, personagens, sons e cores. O gênero depende da necessidade do autor (ROCHA *apud* REZENDE, 1986, p. 151).

O escritor e o cineasta Glauber Rocha eram duas figuras numa só, cuja mudança de um ofício para o outro era tão fluida que tal alternância chegava a ser quase imperceptível. Glauber chegou a considerar a possibilidade de levar *Riverão* às telonas, ainda que essa filmagem fosse feita por outro cineasta.

Toda a obra de Glauber é marcada pela relação literatura-cinema e seu romance é permeado de metáforas e críticas. Sendo ele um agitador nato sua ficção literária surgiu como mais uma de suas experiências artísticas. Sempre buscando inovar, o cineasta empresta técnicas do cinema nas linhas de seu romance, da mesma forma que faz uso de estratégias literárias em seus filmes.



Revolução Ortográfica

Em 1977 Glauber Rocha deu início a um processo que se fez conhecer por de Revolução Ortográfica, quando ele passou a reescrever todos os seus textos antigos substituindo algumas letras por X, Y, Z, K e fazendo aglutinações de palavras.

Homem travessya

Rio

Vyda

Mar

Vulkão

Romañantropologico Rosincorpora folklore
à falada cultura popular e a rescreve à luz da
comparação unyversal num trabalho que
liberta formalismo pessimista dos fylosophos
decadentes

Panteyzmo Kolonizador reduzido a estas

Heranças de Portugais

Aboliram touradas ô Brazyl!

(ROCHA, 2012, Anverso da falsa contracapa de *Riverão Sussuarana*)

Esse recurso estilístico, linguisticamente corrompido, funcionaria como uma representação da influência colonizadora capitalista americana. Uma apresentação do processo de colonização da língua portuguesa. Glauber considerava o idioma e a gramática como entraves, obstáculos. “Precisamos de novas estruturas lingüísticas para nos expressarmos sem a camisa de força do idioma. O ensino da língua emburrece. Que todos gaturejem novas escritas, para se livrar da massificação lingüística”.⁶ Rocha (*apud* BENTES, 1997, p. 63)

Cacá Diegues enfatiza a função estratégica da maneira de escrever de Glauber. “Mas por que você escreve assim?” [...] ‘Há tanta coisa no jornal... escreve-se tanto...que se você não chama a atenção das pessoas com uma forma diferente de escrever ninguém vai te ler!’”⁷

Para Ribeiro (2005), *Riverão Sussuarana* é a tentativa da expressão falada da gente nordestina. As personagens passam a ser simbolizadas pela própria fala. O romance vai contra o que Glauber chamava de “ditadura da escrita”. Sobre sua inserção na literatura Glauber é incisivo:

Os literatos não suportam que eu escreva, que eu publique romance, que eu me meta pelo jornalismo. A minha intervenção no campo literário é também

⁶ Declaração a Christiane Samarco, 31 de agosto de 1980. In: *Ideário de Glauber Rocha*, p. 141.

⁷ Artigo de Cacá Diegues sobre o amigo publicado no livro *Glauber Rocha*, de Sylvie Pierre. Referência ao final do texto.



uma intervenção assincrônica, porque eu não escrevo segundo as regras dominantes. Isso não quer dizer que eu tenha uma linguagem melhor do que a dos outros, mas a minha linguagem responde também à minha pulsão e os literatos não gostam (*apud* REZENDE, 1986, p. 123)

Riverão Sussuarana chega a ser intransigente com seu consumidor, respondendo violentamente contra a própria violência. Contra a opressão se instaura a força.

Bourdieu: a teoria dos campos

Bourdieu afirmava que existem estruturas objetivas na sociedade que podem fazer com que os indivíduos assumam determinados comportamentos, entretanto essas engrenagens são construídas no seio social.

Em 1996 Pierre Bourdieu publicou *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Nele o autor levanta os fundamentos da gênese e formula a estrutura do campo literário. Bourdieu afirma que a literatura não deve ser qualificada levando-se em conta seu caráter de transcendência e sim fazendo-se uso de um sistema analítico. Utilizando-se de algumas regras seria possível enxergar as coisas em seu quadro real, evitando-se assim equívocos provocados pela fama que o nome do autor pode carregar ou impressões impostas pelo campo social.

O sociólogo francês subsidia seu pensamento no tripé: instância produtora, na figura do autor; instância legitimadora, representada pela crítica e instância de consumo, que seria o mercado editorial.

Cada campo social relaciona-se a uma instância de consagração e legitimação. O campo de produção de bens simbólicos é dividido em modo de produção restrita e ampliada. No primeiro caso um sistema em que os produtos voltam-se à apreciação de profissionais especialistas e outros produtores. No segundo, abarca a relação produção x distribuição x consumo, a maior quantia possível de pessoas.

Determinados agentes e instituições consagram criações artísticas, certificando-se da transmissão e conservação dos bens culturais proporcionados pelos produtores (artistas).

A crítica surge como o poder que legitima o que deve e o que não deve ser consumido pelo público. Bourdieu ainda reflete sobre a questão do gosto afirmando que o processo de seleção e escolha de uma obra de arte por parte do público se dá em função de sua formação



anterior. O meio em que estão inseridos bem como as experiências partilhadas por esse público terão suas parcelas de interferência nas escolhas.

Por esse aspecto o autor d'*As regras da arte* aponta a importância da escola para a construção de um público adequado para o consumo de obras de arte de vanguarda, como é o caso da obra em questão, *Riverão Sussuarana*.

Enquanto a recepção dos produtos ditos "comerciais" é mais ou menos independente do nível de instrução dos receptores, as obras de arte "puras" são acessíveis apenas aos consumidores dotados da disposição e da competência que são a condição necessária de sua apreciação. Por conseguinte, os produtores-para-produtores dependem muito diretamente da instituição escolar (BOURDIEU, 1996, p. 169).

O poder imanado pela crítica é o formador de *Best Sellers*. Sendo o público “manipulado” pela crítica, o produtor precisa escolher o tipo de retorno que espera de sua obra. Se o objetivo é meramente comercial, atingindo a massa ele obterá aceitação do mercado editorial. Atingindo o público com instrução adequada para a apreciação da obra de vanguarda o produtor galgará, gradativamente, espaço para a legitimação de sua obra a longo prazo.

Riverão Sussuarana: a crítica

Existe um fato: o romance de Glauber Rocha não foi bem recebido pela crítica da época. Publicado em 1978 *Riverão Sussuarana* passou mais de 30 anos ignorado pela crítica que, para rejeitá-lo, sustentava-se em argumentos como os apontados por Grecco (2007): “ele foi considerado pela imprensa brasileira e pela crítica como um mero passatempo ou divertimento do cineasta. O romance não foi bem lido, sequer lido de fato.” A autora fez uma análise desse romance e do longa metragem *A Idade da Terra* num estudo sócio-histórico que considerou o romance de Glauber uma reescritura de Guimarães Rosa.

Publicado em maio de 1978, *Riverão Sussuarana* é o único romance do cineasta Glauber Rocha. Quando da publicação do livro Glauber já era figura conhecida no Brasil, tendo ultrapassado fronteiras e ganhado o mundo provando o ônus e bônus da fama. O texto em questão configura-se uma obra complexa, repleta de pluralidades e cuja amplidão não foi alcançada pelos leitores nem pela crítica.

Os críticos estão chocados, eu sei. Somente Sérgio Santeiro, de O Globo, e Jorge Amado compreenderam e escreveram certo sobre ele. Nossos críticos



estão parados no século XIX. *Riverão* é também uma crítica literária, entupindo a boca de críticos. E eles ainda não digeriram (ROCHA *apud* REZENDE, 1986, p. 152).

Algumas hipóteses procuram justificar esse mau posicionamento da crítica no que concerne a esse livro. Uma delas versa em torno da unilateralidade atribuída a Glauber que, sendo um cineasta, não poderia assumir um posicionamento de crítico da cultura. Tal posicionamento dos críticos seria como uma espécie de grade de segurança, como uma tentativa de proteger o público da loucura do autor, ou como se seus filmes já fossem suficientemente insanos.

Outra explicação para esse lapso crítico é a dificuldade de leitura que o texto apresenta, visto que a narrativa é um inferno gramatical e ortográfico. Sobre o que a crítica diz a respeito de sua escrita Glauber aponta “Aceito que neguem a validade do discurso sob esse ângulo não porque o livro está preso a Guimarães Rosa, porque é ou não é um romance, porque não está dividido em capítulos ou porque a linguagem não é racional.” (*apud* REZENDE, 1986, p.144)

Glauber havia cultivado muitos desafetos, o que contribuiu para o limbo, a ignorância, ao qual sua “desnovela” (termo do próprio Glauber) foi relegada. Mal recebido pela crítica o livro foi entendido apenas como um passatempo do cineasta, tendo, por isso, se tornado uma obra esquecida e taxada de incompreensível, hermética, surreal.

É sabido que entre o lançamento de seu primeiro longa *Barravento*, em 1961 e o último, *A idade da terra*, em 1981, Glauber provou o céu e o inferno da exposição midiática em confronto aberto com a política do Brasil ditatorial e das nações latino-americanas que viviam a mesma situação. Perseguido pela direita em fins dos anos 1960, Glauber parte para um exílio voluntário na Europa e África, saindo do país como o maior gênio do cinema nacional e poucos anos depois consegue comprar todo o tipo de briga ideológica com os mesmo que o aclamavam. Em 1981, ano em que morreu aos 42 anos, Glauber encontrava-se não só indisposto com a direita política por conta dos filmes e das declarações que havia dado na década de 1960 e 1970, mas havia despertado a inimizade da esquerda pelas declarações citadas com respeito aos gerais no controle do país. Ainda, sua constante obsessão por um cinema verdadeiramente audiovisual o colocou na posição de cineasta hermético, difícil, complexo demais para o espectador comum e, no limite, absolutamente louco (CORREIA, 2009, p. 03).

Á época do lançamento de seu livro Glauber viveu uma espécie de isolamento por falta de diálogo entre ele e os “donos da cultura”, para usar um termo do próprio cineasta. Somando-se aos fatos supracitados Glauber sofreu repressão de todos os lados, até mesmo do mercado editorial, em que não encontrava apoio para a publicação de seu romance.



CONCLUSÃO

É difícil estabelecer quais razões levaram a crítica literária da época a não aceitar a obra de Glauber, visto que o acesso a esses jornais e revistas é bastante dificultoso. O que podemos inferir é que houve uma série de condições que desfavoreceram o autor.

Este aspecto nos permite retomar mais uma vez a concepção dos campos de Bourdieu. Se a crítica literária tem um poder e ela surge enquanto instância legitimadora do que deve ser consumido, podemos inferir que essa crítica relegou a obra de Glauber Rocha ao esquecimento e à ignorância. As razões pelas quais essa obra foi rejeitada na época podem ser diversas, entretanto a rejeição no passado não precisa ser definitiva pois, conforme Bourdieu (1996, p. 169), é através da delimitação entre o que merece ser transmitido e reconhecido e o que não merece que se reproduz continuamente a distinção entre as obras consagradas e as ilegítimas.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Antônio Amaury Corrêa de; FERREIRA, Vera. **Lampião**: uma viagem pelo cangaço. São Paulo, Leide Moreira Marketing Cultural. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/lampiao>>. Acesso em 14 fev. 2014.

BENTES, Ivana (Org.). **Cartas ao mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 794p.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1996. 431p.

CORREIA, Donny. **Re-visão Sussuarana**: Glauber Rocha e a dialética do filme na ponta da pena. O Olho da História, Salvador, n. 13, p.1-13, dez. 2009. Semestral. ISSN: 1413-1129. Disponível em: <<http://oolhodahistoria.org/n13/artigos/donny.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2013.

GRECCO, Sheila. Cinema dos avessos: temas de Glauber Rocha e do Brasil. **Alceu**: Revista de comunicação, cultura e política, Rio de Janeiro, v. 15, n. 8, p.143-154, jan./jun. 2007. Semestral. Disponível em: <<http://revistaalceu.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=273&sid=27>>. Acesso em: 09 fev. 2014.

PIERRE, Sylvie. **Glauber Rocha**. São Paulo: Papyrus, 1996. 276p.

REZENDE, Sidney (Org.). **Ideário de Glauber Rocha**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986. 229p. (Coleção visões e revisões, 7)



RIBEIRO, Paulo. **Vitrola dos ausentes**. Porto Alegre: Artes e ofícios. 2005. 126p.

ROCHA, Glauber. **Riverão Sussuarana**. Florianópolis: Ufsc, 2012. 261p